



SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina. *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

Benito Petraglia

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro/Brasil

benitop@id.uff.br

<http://orcid.org/0000-0002-0677-5136>

O subtítulo da coletânea de ensaios machadianos – “intérprete da sociedade brasileira” – organizada por Juracy Assmann Saraiva e Regina Zilberman faz jus ao que anuncia. Prova-nos, de modo cabal e definitivo, que Machado de Assis pode-se alinhar aos clássicos da interpretação do Brasil, como, por exemplo, Raymundo Faoro, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda. O livro é produto do grupo de pesquisa Ficção de Machado de Assis: sistema político e contexto. É o segundo volume de ensaios organizado por elas, a partir dos trabalhos do grupo de pesquisa. O primeiro foi *Machado de Assis: ficção, história e manifestações sociais*.

Como disse, os ensaios provam de fato a profunda relação entre Machado de Assis e a sociedade brasileira. De resto, esta relação já nos é de algum modo fornecida pela profusão de dissertações e teses que saem dos cursos de história das universidades brasileiras.

São 21 artigos, cuja ordenação reflete as múltiplas performances do autor no mundo literário: o primeiro, de caráter mais geral, fala do gesto na ficção machadiana; os nove seguintes abordam os romances; mais quatro sobre os contos; dois sobre as crônicas; dois sobre a relação do escritor com o mundo editorial; dois sobre aspectos tradutórios da obra; e o texto final trata das primeiras manifestações literárias nos periódicos do tempo.

Romance, conto e crônica – os artigos são representativos dos gêneros literários mais longevos e nos quais o autor mais se destacou durante sua vida de operário das letras. Além disso, eles são representativos da própria feição crítica dos intérpretes de Machado. A compreensão da obra ou parte dela por um detalhe a que não se atentara: o percurso do enforcamento de um escravo em *Quincas Borba* como recurso para revelar a fratura estrutural da sociedade brasileira (artigo de Denise Estacio), o erro de datas em *Dom Casmurro* como método para mostrar que o papel do romance não é a descrição inventariante da realidade (artigo de Fernando Machado Brum);

a comparação com obras e/ou personagens de outros escritores, no caso aqui, Erico Veríssimo (artigo de Maria da Glória Bordini); discordância entre críticos – Chalhoub *versus* Gledson (artigo de Sidney Chalhoub); rompimento espetacular de certo consenso crítico (Paul Dixon).

A respeito do último tópico, é notável e surpreendente a defesa que Dixon faz de Maria Olímpia, a personagem traída de “A senhora do Galvão”. A crítica majoritária a esse conto assinala que Maria Olímpia compensa a traição do marido com uma exposição de “alma exterior”, ao tornar-se um dos nomes da moda, literal e figurativamente falando. Dixon argumenta, porém, com um “código de honra feminino”, que, suspeito, não seria muito apreciado pelas combativas feministas de hoje. E, entretanto, é um argumento-defesa passível de ser acreditado, demonstrando-se, assim, que a obra de Machado suscita e se abre a interpretações polêmicas.

Mas, por outro lado, deve-se ressaltar uma singularidade. Coletâneas sobre Machado de Assis se restringem de maneira quase absoluta à análise da obra do escritor. Nesta, dois artigos tratam da relação de Machado com o mundo editorial. O primeiro, de Lúcia Granja, leva justamente o título de “Machado de Assis: relações com o mundo editorial”. A autora destaca basicamente o envolvimento do escritor com as atividades editoriais dos irmãos Garnier, sobretudo o caçula Baptiste-Louis Garnier, com quem lidou aqui no Brasil na edição de seus livros.

O outro é de Regina Zilberman – “Machado de Assis e a poesia de Faustino Xavier de Novaes”. O ensaio traz uma notícia desconhecida, quem sabe, não asseguro, até para os machadianos mais pertinazes, e dizer machadiano pertinaz é quase perpetrar um pleonismo vicioso. Machado de Assis organizou, em 1870, um volume de poemas de Faustino Xavier de Novaes, cunhado póstumo de Machado, chamado *Poesias póstumas*. Segundo Regina Zilberman (2020, p. 236-237), “as *Poesias póstumas* constituem provavelmente a única obra em que teria atuado em todas as etapas de uma produção editorial, desde a coleta do material até o lançamento do livro pronto.”

Seria natural que numa coletânea o resenhista manifestasse predileção por um ou outro artigo. E se é certo que preferências são regidas por critérios pessoais, creio haver dados objetivos que justifiquem a simpatia por dois deles.

O primeiro – “O gesto na ficção machadiana” (Kenneth David Jackson) –, primeiro também do livro, traz a novidade da sistematização de um procedimento na ficção machadiana. Ele nos faz compreender, numa espécie de “insight”, que a expressividade e a plasticidade da frase machadiana se traduzem por uma segunda linguagem, pela sugestão de uma camada “invisível”, que é a linguagem do gesto, “relacionada à consciência

e ao entendimento do mundo, num plano maior, invocando inclusive o mistério do mundo e da experiência humana” (p. 15).

Vale a pena citar outra passagem: “Na ficção de Machado de Assis, o gesto ocupa uma posição de destaque, tanto que a leitura equivale à assistência a uma performance de cenas teatrais, encenadas pelos personagens no palco de um grande teatro do mundo” (p.15). É quase impossível que os leitores de Machado não se reportem a “Missa do Galo”, àquele jogo cênico que representam os movimentos de Conceição em volta do jovem Nogueira.

O segundo ensaio – “O teatro da vida: a ópera em *Dom Casmurro*” (Débora Bender) – segue pelo terreno já pisado da comparação entre a ópera, tal como concebida pelo personagem Marcolini, e a trama de *Dom Casmurro*. Mas ele é vazado naquela simplicidade difícil que faz fluir o texto de modo espontâneo e natural, num didatismo que esclarece e, ao mesmo tempo, torna mais profunda a correlação.

Ela começa por conceituar o gênero, sua origem e sua significação cultural. A relação com *Dom Casmurro* é feita primeiro atribuindo-se a cada personagem o papel que teria na ópera: Bento Santiago – tenor; Capitu – soprano; Escobar – baixo; D. Glória – contralto; José Dias – barítono; Pádua, Padre Cabral, Tio Cosme, prima Justina, Sancha e Fortunata – comprimários compondo o coro. Distribuídos os papéis, vem o sentido da representação: “o libreto escrito por Deus, o impacto da música de Satanás e a falta de harmonia entre os dois, libreto e partitura, mudam o roteiro, e a dissonância do ciúme inunda o drama e age sobre as personagens, trazendo adversidade e desgostos” (p. 106).

A seguir, refere-se às diferentes interpretações que a metáfora da ópera recebeu dos críticos Helen Caldwell, Eugênio Gomes, John Gledson e Abel Barros Baptista. A conclusão é que “com a metáfora da ópera, Machado de Assis discute questões morais do ser humano, como a falsidade, a dissimulação, o exagero, a mentira, atributos essenciais aos homens em suas representações” (p. 106). Não, o leitor não pode se sentir roubado com a antecipação deste breve resumo e mais as citações. A singeleza e a pertinência do texto estão lá intactas esperando por ele.

É profícua a leitura dos ensaios. Dá-nos uma ampla visão do percurso do nosso maior escritor. Prova-nos que Machado e Brasil são termos de uma igualdade. Prova-nos talvez mais – que ele ultrapassou o estágio da nacionalidade e alcançou a universalidade da marca humana, como Shakespeare ou Cervantes, *dixit* Harold Bloom, *dixit* Carlos Fuentes.

Recebido em: 11 de fevereiro de 2021.

Aprovado em: 30 de agosto de 2021.